



MISLEY APARECIDA DA SILVA

**O ANTICLERICALISMO DE EÇA DE QUEIROZ EM *O CRIME DO PADRE AMARO***

**LAVRAS-MG**

**2021**

Misley Aparecida da Silva

**O ANTICLERICALISMO DE EÇA DE QUEIROZ EM *O CRIME DO PADRE AMARO***

Trabalho de Conclusão de ao curso apresentado à Universidade Federal de Lavras, como requisito parcial do Curso de Letras/ Português para a obtenção do título de licenciatura em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Garcia Barbosa

**Lavras – MG**

**2021**

**RESUMO:** Este trabalho tem como objetivo analisar anticlericalismo de Eça de Queirós na obra *O Crime do Padre Amaro*, destacando as características dos personagens representantes do clero, seus comportamentos desviantes e corruptos. Para isso foram utilizados textos de autores como Antônio José Saraiva e Oscar Lopes (1969), Ana Maria Castelo Martins Jorge (1989), Nílvio Ourives dos Santos (2003), Gerson Luiz Roani (2003) e Antônio Augusto Nery (2017).

**Palavras-chave:** Crime do Padre Amaro; Anticlericalismo; Realismo.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	5
2 O CONTEXTO EUROPEU E PORTUGUÊS .....	7
3 O ANTICLERICALISMO .....	15
3.1 O anticlericalismo em <i>O crime do padre Amaro</i> .....	16
3.2 As personagens de Eça de Queirós .....	17
3.2.1 José Migueis .....	18
3.2.2 Cônego Dias .....	19
3.2.3 Abade Ferrão .....	22
3.2.4 Amaro .....	25
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	29
REFERÊNCIAS .....	30

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste em pesquisar o anticlericalismo de José Maria Eça de Queirós, mais especificamente na obra *O crime do Padre Amaro*. Para alcançar este objetivo foi preciso fazer um levantamento do contexto histórico do século XIX na Europa, sobretudo em Portugal, onde o autor nasceu e escreveu obras que, segundo Antônio José Saraiva e Oscar Lopes (1969), revelam o ideal de um escritor realista.

Desta forma, Eça coloca na obra *O crime do Padre Amaro* personagens ficcionais com desvio de caráter, em dimensões individuais e coletivas, todas figuras diretamente ligadas à igreja. A obra é narrada em Leiria, onde se concentra grande parte do clero, e há no romance uma maneira de abordar os fatos de forma a expor a corrupção entre os integrantes da Igreja e do Estado.

Para alcançar os objetivos foi necessário trabalhar com alguns autores que aprofundaram suas pesquisas na obra de Eça de Queirós, principalmente a *História da Literatura Portuguesa*, de Antônio José Saraiva e Oscar Lopes (1969), visando descrever o contexto histórico e literário. Também foram utilizados alguns artigos que relacionam o contexto e o anticlericalismo de Eça, como: Ana Maria Castelo Martins Jorge (1989), “Literatura e Religião nas Conferências do Casino”; Nílvio Ourives dos Santos (2003), “Eça de Queirós: Realidade e Realismo Português”; Gerson Luiz Roani (2003), “Eça de Queiroz e a criação de um homem imoral”; Antônio Augusto Nery (2017), “A geração de 70 e o Anticlericalismo”.

O trabalho foi dividido em quatro partes, introdução, desenvolvimento, e finalizando com uma conclusão. No primeiro momento foi de grande importância explorar a respeito da História da Literatura na Europa mais moderna e em Portugal, quais foram os objetivos e quais ideias permeavam pela busca de uma sociedade mais evoluída no século XIX, então o primeiro tópico é “Contexto Europeu e Português no século XIX”; logo em seguida foi trabalhado o tópico “O anticlericalismo”, que foi de suma importância, pois Eça fez parte desta geração que ficou marcada na literatura Portuguesa; conseqüentemente foi trabalhado no terceiro tópico “O anticlericalismo de Eça de Queirós em *O Crime do Padre Amaro*”, imprescindível para a análise desta parte, haja vista que a possibilidade de destacar sob qual perspectiva o autor escreve a obra, colocando personagens ficcionais vinculadas à Igreja ou que tenham alguma ligação com ela, num contexto anticlerical; já no último tópico, “As personagens de Eça de Queirós”, foram trabalhadas as personagens padres de maneira individual, discutindo os pontos mais

interessantes no que tange às características e desvio de caráter que cada personagem possui, e como os autores dos artigos como Jorge, Santos, Roani e Nery, analisam a obra do *O crime do padre Amaro*, no realismo, pois Eça coloca personagens com desvios de caráter, extremamente corruptos, e um padre que tem relações sexuais com uma beata e entrega o próprio filho para uma “tecedeira de anjos” (uma senhora que é paga para dar fim às crianças).

É nesta perspectiva que o trabalho segue, analisando o contexto em que Eça desenvolveu sua obra, mas sobretudo observar como se deu esse processo de construção de suas personagens.

## 2 O CONTEXTO EUROPEU E PORTUGUÊS

No século XIX os princípios da ciência e o aquecimento do progresso industrial na Europa estava a todo vapor, a literatura europeia ganha novos espaços com as ideias de civilização da burguesia e do liberalismo, realçadas livremente no campo socio político-econômico.

O indivíduo europeu do século XIX começa a descobrir a importância dos jornais, revistas, romances ou outros textos que o informem sobre questões sociais, políticas e econômicas e que expliquem a existência humana como um drama vivido por toda a sociedade.

Em meados de 1851, enquanto na Europa mais desenvolvida, como a França, Inglaterra, ocorre uma ascensão industrial, em Portugal há uma manifestação dos descontentes da falta de progresso, tanto social, quanto literário, momento em que a sociedade portuguesa encontrava numa constante crise que englobava quase todos os setores sociais, principalmente o setor rural que se destacava, pois há um atraso na indústria e um alto índice de analfabetismo.

Os anos entre 1851 e 1876, período da Regeneração, revolução liderada pelo duque de Saldanha, tornam-se um período de construção das estradas de ferro e de outros meios de transporte e comunicação, o mercado interno português começa a se centralizar e começa a engendrar-se para industrialização capitalista, no entanto esse processo, ocorre muito lentamente.

A reforma liberalista se inicia em 1820, com a Revolução Liberal do Porto, tendo a Constituição sido promulgada em 1822. No entanto, com a guerra civil entre liberais e absolutistas, apenas em 1834 os liberais vencem. No ano de 1851 há o início da Regeneração, que teve Herculano como um dos mentores, período em que o Liberalismo se estabelece no poder de Portugal.

No ano de 1851 se estabelece em Portugal o Liberalismo. Para Nílvio Ourives Santos:

A partir desse momento o Liberalismo avoca para si as rédeas do processo sócio-político econômico de Portugal, torna-se claro o objetivo governamental em determinar uma política de transporte, isto é, há uma prioridade nas construções das estradas de ferro gerando assim um aumento da taxa de emprego valorizando a sociedade portuguesa. (SANTOS, 2003, p. 20)

Em 1852 o movimento operário criou o primeiro Centro Promotor de Elevação das Classes Laboriosas, início do primeiro movimento socialista integrado por engenheiros como Latinho Coelho, Rolha, Casal Ribeiro, dentre outros. Esses jovens almejavam uma reforma da cultura literária sistematizada, eram contra o cabralismo, haja vista o descontentamento do

status quo das organizações massificadas, o seu anseio era a quimera de uma reestruturação política. Para Antônio José Saraiva e Oscar Lopes, esses são os percussores doutrinários como Antero de Quental e Teófilo Braga, e contribuíram para uma referência de autonomia tanto econômica quanto diplomática, contudo sem a liderança massificada da Península Ibérica, destarte Saraiva e Lopes:

O associativismo operário teve também por então o seu primeiro impulso, criando-se em 1852 Centro Promotor dos melhoramentos das Classes Laboriosas, que doravante lhe servirá de eixo principal, até a geração de 70 lhe dar um novo âmbito. Surge assim o primeiro grupo chamado de socialistas, geralmente engenheiros, (Latinho Coelho, Rolla, Casal Ribeiro, etc.), cujos percussores, como A.P Lopes de Mendonça, vinham já do tempo da Patuléia; entre eles destaca-se Henriques Nogueira (1825-58),cujas obras, sobretudo os estudos sobre a Reforma de Portugal (51) são percussores dos doutrinários de 1870, Antero de Quental e Teófilo Braga. (SARAIVA e LOPES, 1969, p. 784).

Segundo Saraiva e Lopes, é com a geração de 70 que a produção literária em Portugal começa a ganhar uma nova roupagem literária, tendo em vista que esses anunciadores são os novos escritores literários que defendem o Realismo na literatura portuguesa. A Questão Coimbrã, formada por jovens da burguesia culta, amparou certas atitudes dos jovens universitários, como Antero de Quental e Teófilo Braga.

É a partir de 1865 que eclode um novo grupo de escritores formando a vanguardista “Questão Coimbrã”, conhecida como um movimento de “renovação literária e ideológica”, formado por um grupo de escritores estudantes de Coimbra, estes por sua vez confrontaram com aqueles que como Antônio Feliciano de Castilho, defendiam uma literatura já estabelecida e eletiva.

A “Questão Coimbrã” surge em 1865 e teve como ponto alto a ousadia de Antônio Feliciano de Castilho, que inspirou o escritor Pinheiro Chagas a concorrer à cadeira de Literaturas Modernas no Curso Superior de Letras, e a criticar o grupo de jovens de Coimbra, “acusando-os de audaciosos realistas, de obscuridade premeditada e de abordarem assuntos que não era ligados à poesia”. A “Questão Coimbrã” foi uma oposição na literatura portuguesa entre os escritores Românticos e Realistas, de um lado Castilho e seus apoiadores, do outro Antero de Quental e demais colegas escritores. (SARAIVA E LOPES, 1969).

Castilho, poeta romântico, apoiava Pinheiro Chagas e ironizava o escritor Teófilo Braga, que também era candidato à cadeira de Literaturas Modernas no Curso Superior de Letras. Em 1865, ano em que “Castilho aproveitou a ocasião para sob a forma de uma Carta ao

editor Antônio Maria Pereira, inculcar o poeta apadrinhado como candidato mais idóneo à cadeira de Literaturas Modernas no Curso Superior de Letras”. (SARAIVA e LOPES 1969).

A ironia de Castilho também era direcionada a Antero de Quental, que “então publicara as Odes Modernas” (...) “Antero respondeu numa carta aberta a Castilho, que saiu em folheto: Bom senso e bom gosto. Nela defendia a independência dos jovens escritores”. (SARAIVA e LOPES 1969)

Em 1971, surge as Conferências Democráticas, um projeto que surgiu oriundo das discussões do cenáculo \_ uma espécie de assembleia/encontros dos jovens coimbrãos para discutir literatura, mas que também se misturava com a boémia. Faziam parte das Conferências Antero de Quental, Teófilo Braga, João Augusto Machado de Faria e Maia, Manuel de Arriaga e Eça de Queirós, dentre outros, configurando-se a geração de 70. Com os olhos fixos na Europa avançada, este grupo começa a criar uma literatura, com aspectos voltados para visão que tinham da leitura que faziam dos países Europeus mais evoluídos como Alemanha, França entre outros. Essa geração, diferentemente dos românticos, tinha como concepção de mundo a ideia de revolução cultural e progressistas, sobretudo, é em Antero de Quental que há essa ideia de revolução cultural.

Com a geração de 70 começa um novo momento na literatura portuguesa, uma revolução para além do ultrarromantismo, iniciando-se o Realismo em Portugal. Diferentemente do romantismo, que exaltava o amor e “redundante e um tanto vago, em que a abundância prejudica a concisão e o rigor” segundo SARAIVA e LOPES (1969), o Realismo defende uma arte do concreto, do materialismo e do objetivismo. Para Eça de Queirós, a nova literatura nomeia “O Realismo como uma nova expressão da Arte”. Santos 2003. Considerado o maior escritor do realismo português, Eça o definiu como:

É a negação da arte pela arte; é a proscrição do convencional, do enfático e do piegas. É a abolição da retórica considerada como arte de promover a composição usando da inchação do período, da epilepsia [...] o Realismo é uma reação contra o Romantismo: o Romantismo era a apoteose do sentimento; - o Realismo é a anatomia do caráter. É a crítica do homem. É a arte que nos pinta a nossos próprios olhos – para condenar o que houver de mau na nossa sociedade. (SARAIVA E LOPES 1969, p. 900, apud QUEIROZ)

SARAIVA e LOPES (1969) relatam “que as escolas realistas e naturalistas, sucedem às escolas românticas no sentido restrito, mas pode-se dizer que o Romantismo, em sentido lato, as abrange a todas e só chega ao seu termo final do século XIX, quando surge o Simbolismo”, ou seja, que as escolas realistas e naturalistas vêm depois das escolas românticas, mas a essência

do romantismo prevalece naquelas escolas, mesmo que aquela seja de certa forma superada, o romantismo prevalece dentro das escolas realistas, naturalistas chegando ao fim quando então do surgimento do Simbolismo. Na literatura realista em Portugal, os escritores fazem críticas ao atraso da sociedade portuguesa, tendo a Europa mais moderna e adiantada, como a Alemanha, França, Inglaterra um modelo, e visam uma investigação pautada no cientificismo e na objetividade da realidade. E é nesta perspectiva em que alguns membros do grupo da Geração de 70 se movia, visando criar uma arte literária nova, com o anseio ideológico de reorganizar a política portuguesa a partir de ideias progressistas, de revolução científicas.

Santos (2003) descreve que os intelectuais da Geração de 70 foram influenciados por alguns movimentos ideológicos que teria ocorrido na França:

[...] o grupo de escritores e intelectuais que idealizou a geração de 70 mostra-se completamente influenciado pelo cientificismo proveniente, sobretudo, da França, como o Positivismo de Comte; o Determinismo de Taine; o evolucionismo, proposto por Darwin; o anticlericalismo, de Renan; bem como o não menos importante socialismo Reformista, de Proudhon. (SANTOS, 2003, p. 20)

Na literatura portuguesa, considera-se que o positivismo e o proudhonismo regem preliminarmente a obra de Eça de Queirós, que objetiva uma crítica geral e contemporânea da sociedade portuguesa.

Neste contexto, a ideia é de evolução cultural, logo após a “Questão Coimbrã”, em que causava um período de desordem cultural em Portugal. Segundo SANTOS (2003), em 1868 forma-se o grupo do cenáculo “com o intuito evidente de idealizar e formatar de modo concreto e objetivo o crescimento do Realismo”.

A Geração de 70 justificava-se pelo cientificismo, movida pelo estímulo cultural, literária e tinha como objetivo, mudanças no contexto histórico e na organização social. Assim, criticar a Igreja Católica, opondo-se aos seus dogmas afirmando que o que era tido como intocável e inquestionável poderia sim ser questionado e repensado a partir da ciência, segundo BUENO, apud ANTÔNIO AUGUSTO NERY (2017), “a tradição crítica religiosa que sempre existiu em Portugal esteve frequentemente voltada à Igreja Católica e seu clero, eximindo-se a figura de Jesus e as outras religiões”. E ainda neste seguimento “A autora propõe que somente no século XIX, quando da ampliação da crítica religiosa se avoluma na Europa mais moderna, é que a figura de Cristo e sua divindade passam a ser questionada em Portugal”, ou seja, a

Geração de 70 fundamenta-se por meio do cientificismo, indagando a cultura, colocando o contexto religioso como uma de suas críticas.

Segundo Aline Leal Mota (2014), a Questão Coimbrã expõe o sentimentalismo ultrarromântico em choque com o novo panorama científico realista, para além da literatura “O novo cenário não era restrito apenas à Literatura, mas também se manifestava contra os conceitos políticos, históricos e filosóficos que o período anterior simbolizava”.

Segundo SARAIVA E LOPES (1969), a Questão Coimbrã partiu de um sentido ideológico e logo após nasce o grupo realista, o qual surge o Cenáculo e as Conferências Democráticas:

A questão Coimbrã \_ o primeiro sinal da renovação literária ideológica; (...) e que Castilho “aproveitou a ocasião para sob a forma de uma Carta ao editor Antônio Maria Pereira, inculcar o poeta apadrinhado como candidato mais idóneo à cadeira de Literaturas Modernas no Curso Superior de Letras e censurar um grupo de jovens de Coimbra, que acusava de exibicionismo, de obscuridade propositada e de tratarem temas que nada tinha a ver com a poesia.

(...) Antero de Quental respondeu numa carta aberta a Castilho, que saiu em folheto: Bom senso e bom gosto. Nela defendia a independência dos jovens escritores; apontava a gravidade da missão dos poetas na época de grandes transformações em curso, a necessidade de eles serem arautos das grandes ideias da actualidade, e metia a ridículo a futilidade, a insignificância da poesia de Castilho. (SARAIVA e LOPES, 1969, p. 840 e 841)

É com a resposta de Antero de Quental à Castilho “Bom senso e bom gosto” que surge o grupo realista.

Nasce nesse ambiente as Conferências Democráticas do Cassino Lisbonense, no ano de 1871. As Conferências são uma espécie de projeto ou programa para anunciar o propósito de reformar a sociedade portuguesa, através da literatura realista, uma maneira de manifestar as inquietações intelectuais de sua época e abrir os olhos da sociedade. Tinham como causa, segundo Saraiva e Lopes, “Abrir uma tribuna onde tenham voz as ideias e os trabalhos que caracterizam esse movimento do século, preocupando-nos sobretudo com a transformação social, moral e política dos povos”. (SARAIVA e LOPES, 1969)

Segundo Santos (2003), nas conferências os intelectuais da época expunham suas ideias para a elite, pensadores, normalmente pessoas que possuía uma posição de grande relevância, tivesse a oportunidade de conhecer o que estava sendo discutido naquele momento, em relação às transformações moral e política. Era propósito também das Conferências agregar Portugal ao movimento moderno, adquirir consciência dos fatos que aconteciam na Europa

mais moderna, inquietar a opinião pública e estudar as condições da transformação política, econômica e religiosa da sociedade portuguesa.

Alguns autores, como Antero de Quental, assumiam uma posição cujo objetivo era a união para, em comum acordo, dialogar de maneira racional e sociável sobre as questões morais da época, contrapondo-se aos mitos religiosos; como na conferência sobre as “Causas da Decadência dos Povos Peninsulares”, que para Quental seriam: a reação religiosa realizada pelo concílio de Trento; a concentração política da monarquia absoluta e a agregação econômica da rapina guerreira, que somente desenvolvia a pequena burguesia, que tapava os olhos para evolução europeia. (SARAIVA E LOPES, 1969).

Do mesmo modo, Eça de Queirós realizou a conferência sob o título “A Nova Literatura” que segundo SARAIVA e LOPES (1969), versou o tema “O Realismo como nova expressão da Arte”, na qual se referiu ao tema do Realismo como nova expressão da Arte, inspirado em Taine e Proudhon. Eça apoiou uma teoria da arte ligada a diversos fatores permanentes: históricos, sociais e morais; o autor criticou a literatura romântica e associou-se a uma literatura como expressão da Revolução, ou seja, uma literatura como expressão da nova arte realista, tendo se espelhado no romance *Madame Bovary*, de Flaubert.

Algumas Conferências não puderam ser realizadas, uma vez que autoridades atribuíram aos conferencistas a autoria de ideias subversivas, portanto foram realizadas apenas quatro Conferências. O ponto final se deu com uma conferência que iria tratar dos estudos hebraicos de Renan, resultando no encerramento das Conferências, o que gerou protestos.

Segundo SARAIVA E LOPES (1969), Eça publicava na revista *as Farpas de Ramalho Ortigão* folhetins com críticas direcionadas à acontecimentos da atualidade da sociedade portuguesa:

Segundo SARAIVA E LOPES (1969), “No mesmo ano em que decorrem as Conferências do Cassino, e orientada no mesmo sentido de crítica geral da sociedade portuguesa, aparece uma publicação mensal redigida por Eça de Queirós e por Ramalho Ortigão\_ *As Farpas*. Cada número constituía um comentário crítico aos acontecimentos da actualidade, com um estilo humorístico que doseava o conteúdo doutrinário, cuja principal fonte era, nos primeiros tempos, a obra de Proudhon. (SARAIVA E LOPES, 1969).

Estas críticas eram direcionadas à vida política, à religião, ao jornalismo e à literatura. Em 1871, o artigo que Eça escreve sobre o “estado Social de Portugal” é de muita importância, haja vista que o autor escreve este em paralelo as obras *O Crime do Padre Amaro* e *Os Maias*. (SARAIVA E LOPES, 1969).

Para Gerson Luiz Roani, como Eça de Queirós se situava entre aqueles escritores que representavam tipos humanos médios, ou seja suas personagens ficcionais não são descritas de maneira extremas, não são totalmente reais e nem totalmente ficcionais, há em suas obras de ficção uma ponderação entre a realidade e suas personagens ficcionais, mas estas são baseadas na realidade do seu tempo, uma forma para escrever romances realista: “Ao observar e anotar costumes, ao escolher os tipos medianos para suas personagens, ao substituir com detalhes fantasias, Eça se submetia, em parte, ao espírito do seu tempo” (ROANI, 2003, p. 44).

Alguns autores, como Ana Maria Castelo Martins Jorge (1989), apontam que a ruptura com a igreja na obra de Eça e de outros do mesmo grupo não se deu por questões religiosas, mas pela necessidade de transformação política, citando as palavras de Antero de Quental a Teófilo Braga:

Um programa, mas não uma doutrina. Somos associação, mas não igreja: isto é, liga-nos um comum espírito de racionalismo, de humanização positivas das questões morais (...) seremos em religião, pelo sentimento creador do coração humano, contra os mythos doutrinários das teologias... (QUENTAL, *apud* JORGE, 1989 p. 120).

O anticlericalismo da geração de 70 teve como paradigma a crítica à Instituição religiosa portuguesa, pois sentia-se “produto de uma sociedade”, segundo NERY (2017) “histórica e culturalmente, e que essas ‘falhas’, incoerências e, como elite intelectual, quis contestar esses ‘erros’ interrogando seus fundamentos, refletindo nessa contestação, toda uma corrente crítica que ocorria no cenário europeu” mais moderno principalmente na Alemanha e França.

A reflexão do grupo coimbrão era a de que a literatura e a sociedade portuguesa estava em um processo de decadência e era importante mostrar ao público, apontando o Estado e o sistema educacional de Portugal como falidos; e ao entrar no âmbito sócio-político, eles criticavam de maneira aberta o catolicismo, pois para eles havia um afastamento quanto às ações daqueles que estavam diretamente ligados ao clero, haja vista que estes acendiam certos preceitos, mas suas ações, suas formas de agir eram totalmente contrárias (SANTOS, 2003). O anticlericalismo contestava a instituição e as práticas religiosas, mas o foco era o catolicismo e não o próprio cristianismo, portanto a crítica era voltada tão somente às suas ações do clero e não diretamente a figura de Cristo. Procurava-se cultivar o positivismo, o materialismo, o relativismo, sem, contudo, aflorar a verdadeira interioridade, o verdadeiro sentimento tão apregoados no Romantismo.

Segundo Santos (2003), para Eça de Queirós, a inteligência estava acima de conceitos teológicos e morais e a religião não se enquadrava nessa temática, pois o que se pregava nas igrejas era totalmente diferente das ações dos religiosos. Eça de Queirós fazia essa analogia distinguindo a moralidade pregada nas igrejas e a realidade vivida pela sociedade da época, o que levou à escrita de *O crime do Padre Amaro*.

Não se pode afirmar que a crítica às práticas religiosas e às políticas empregadas em uma sociedade problemática, em que Estado e Igreja estavam ligadas diretamente, são características que afirmam uma possível antirreligiosidade, tanto da geração de 70 quanto do autor Eça de Queirós. Apesar das críticas ácidas ao sistema político e às práticas religiosas contrárias as suas pregações moralizadoras dentro das igrejas, estes autores criaram uma arte que propôs uma visão de mundo baseada na realidade daquela sociedade, mas que estava tão maquiada que precisava de discernimento e inteligência para abrir os olhos da sociedade e assim manifestá-la: nem tudo o que se ouve ou vê é realmente o que está exposto, há uma dissimulação por parte das autoridades e do clero. Assim, podemos observar que o grupo da geração de 70, do qual Eça de Queirós faz parte, buscava revolucionar a sociedade por meio de uma nova arte literária realista e destacar o espírito científico.

### 3 O ANTICLERICALISMO

A geração de 70 tinha como objetivo a valorização da ciência, da dimensão cultural, da teoria e uma crítica ao tradicional modo de compreensão da religião e da forma de como o Estado e a Igreja se envolviam, cada qual praticando atos que não eram da sua alçada, e que, para alguns autores, deveriam estar separados, havia uma centralização do poder absolutista e a igreja que era uma instituição que tinha uma influência tradicional apoiava esse poder, e para a Geração de 70 essa era uma forma de aniquilar a evolução da sociedade portuguesa. Desejando revolucionar esses setores, a geração de 70 lastimava o atraso que reinava em Portugal, defendendo que era preciso o desenvolvimento tanto da indústria quanto da ciência e lutar contra os modelos arcaicos e tradicionais da religião.

Foram as obras de Ernest Renan (1823-1892), David Strauss (1808-1874) e Ludwig Furbach (1804-1872) que influenciaram o anticlericalismo na concepção da geração de 70; diante das ideias republicanas, na segunda metade do século XIX, o anticlericalismo se mostra conectado ao movimento de renovação e aos objetivos do socialismo, se por um lado dentro do grupo da Geração de 70 há quem advogasse pelos ideais socialistas, como Quental e Oliveira Martins, por outro há divergências destes ideais socialistas: “É nessas circunstâncias que surge a geração de 70: uma das mais vantajosas agremiações literárias a desenvolver uma crítica à instituição religiosa portuguesa em todos os seus âmbitos” (NERY, 2017, p. 161). Antônio Augusto Nery observa ainda que a geração de 70 aponta os erros da história e da cultura portuguesa e as compara com o cenário da Europa moderna, mais especificamente com a Alemanha, Inglaterra e a França:

A geração de 70 sentiu-se produto de uma sociedade, história e cultura com incoerências e ‘falhas’ e, como elite intelectual, quis contestar esses ‘erros’ interrogando seus fundamentos, refletindo nessa contestação, toda uma corrente crítica que ocorria no cenário Europeu, especialmente na Alemanha e França. (NERY, 2017, p. 161).

Para o autor, a geração de 70 não queria ficar indiferente às falhas e erros costumeiros da sociedade portuguesa, com isso os intelectuais começaram a fazer indagações, contestando os antigos dogmas, visando uma renovação baseada nos modelos Europeus que estariam mais bem estruturado, mas sem atacar a figura mais importante da instituição católica, Jesus.

Outro escritor do grupo que provocou grande repercussão foi Adolfo Coelho, palestrante da quarta e última conferência, cujo ideia era de debruçar-se sobre o ensino em geral, e que

tinha como proposta a separação entre Igreja e Estado. Era também objetivo das Conferências do Cassino Lisbonense segundo o autor acima, colocar em xeque a educação da sociedade portuguesa, os modelos de ensino que consistiam nas tradições que não se adequariam ao cenário progressista, entre outros assuntos. Segundo SARAIVA E LOPES (1969) era proposta das Conferências Democráticas do Cassino Lisbonense:

Abrir uma tribuna onde tenham voz as ideias e os trabalhos que caracterizam esse movimento do século, preocupando-nos sobretudo com a transformação social, moral e política dos povos;  
Ligar Portugal ao movimento moderno, fazendo-o assim nutrir-se dos elementos vitais de que vive a humanidade civilizada;  
Procurar adquirir a consciência dos fatos que nos rodeiam na Europa;  
Agitar a opinião pública as grandes questões da Filosofia e da Ciência moderna;  
Estudar as condições da transformação política, econômica e religiosa da sociedade portuguesa. (SARAIVA E LOPES, 1969).

Para Coelho, essa reunião resultava, para Portugal, na depreciação do espírito científico. O conferencista colocou também em pauta o fim do catolicismo como religião imposta ao povo português. Ao final, Adolfo Coelho provocou a Universidade de Coimbra alegando que os professores viviam em estado de inconsciência científica. Essas provocações foram de grande relevância para que as reuniões da Conferência chegassem ao fim, levando ao cancelamento dos encontros seguintes.

Assim, podemos perceber que a geração de 70 era resistente no que tange aos preceitos do catolicismo português, e seus integrantes não eram verdadeiramente anticlericais, mas desviavam-se do dogmatismo cristão e voltava-se para uma literatura realista pautada no cientificismo e que retratasse a realidade, seja qual fosse, era preciso mostrar como se dava as relações na sociedade portuguesa, para que então o progresso social e cultural da sociedade pudesse fluir.

### **3.1 O anticlericalismo em *O crime do padre Amaro***

José Maria Eça de Queirós, integrante da geração de 70, defendia uma literatura moderna e realista, como afirmam Saraiva e Lopes (1969). É nessa perspectiva que ele escreve suas obras, criticando ferrenhamente a sociedade portuguesa, se baseando em autores como Proudhon, cujas obras apresentam um espírito de imparcialidade, objetividade e cientificismo pautados na teoria dos romances realistas. Assim, Eça de Queirós escreve *O Crime do Padre*

*Amaro*, sob este ponto de vista anticlerical. O romance aponta várias figuras que estão ligadas diretamente à igreja ou que fazem parte dela, ainda que indiretamente, apresentando-as de maneira crítica, clérigos, beatas e autoridades religiosas.

Segundo Gerson Luiz Roani (2003), Eça compõe obras de ficção com personagens frágeis e vulgares, criando um equilíbrio entre a fantasia e a observação da realidade. Podemos observar como as personagens de Eça são frágeis e incapazes de se autoafirmar, como Amélia, que aceita as imposições do Padre Amaro.

Eça insere suas personagens em cenas de romance e de desejos proibidos, tanto sob o ponto de vista da Igreja Católica quanto da sociedade, colocando em xeque a moralidade das personagens e a quebra do voto da castidade dos clérigos. Tais personagens são citadas sem castidade no romance, em cenas calorosas entre o padre Amaro e Amélia, ou entre o Cônego Dias e Sr. Joaneira. Assim, ele critica o catolicismo em termos práticos, afastando os valores religiosos e morais, colocando personagens antiéticos. Ou seja, clérigos e superiores pregam uma doutrina cristã que se diz zela pelo voto da castidade, mas vivem outra realidade e que vivem corrompendo as pessoas.

A afirmação anticlerical de Eça de Queirós se dá no campo da subjetividade, para alguns autores, como Jorge (1989) e para outros no campo da objetividade. Mas o autor aplica sua obra, dentro dos paradigmas do Realismo. Para Eça, a realidade social Lisboeta não condizia com aquela que os religiosos pregavam. Assim, a arte literária do autor realiza uma crítica realista ao desmascarar discursos e ações.

### **3.2 As personagens de Eça de Queirós**

Para abordar o anticlericalismo na obra *O crime do padre Amaro* optamos por destacar alguns personagens padres do livro, analisando suas principais características, os desvios de caráter que se apresentam, bem como fazer uma análise da moralidade e sobretudo da forma com que essas figuras ficcionais representam a realidade portuguesa da época. Ou seja, são personagens que apresentam comportamentos e atitudes contrários aos dogmas religiosos, e que compactuam com a corrupção. Os padres da obra *O crime do padre Amaro* são retratos de uma sociedade decadente e atrasada e que necessitava de mudanças políticas e sociais, pois estado e igreja andavam lado a lado e a sociedade portuguesa precisava romper com esse dogmatismo, além dessa relação de estado e igreja, o autor relata a ironia que é evidenciada naquele corpo social, por meio da imoralidade, do descompromisso com a cultura sócio-política

e ainda pela falta de ética das pessoas que ali habita.

### 3.2.1 José Migueis

O pároco José Migueis é retratado como comilão, ou seja, praticante da gula, apontada como pecado pela instituição católica, e que não gosta de fazer jejuns, uma prática doutrinária da Igreja: “O chantre estimava-o. Chama-lhe Frei Hercules. – Hercules pela força – explicava sorrindo –, Frei pela gula” (QUEIRÓS, 2015, p. 24).

José Migueis é o pároco de Leiria, e aparece em poucas páginas da narrativa, tendo em vista que morre e deixa vago o seu posto, que em seguida será preenchido pelo padre Amaro. O caráter desviante do padre José Migueis, pode ser visto por alguns, como normal e para outros nem tanto, como a gula e pelo seu jeito mal educado de expressar. Ele é narrado de modo sucinto, e não aparece como alguns dos outros padres que são possuem outras características. O personagem é apresentado como um padre que usa de palavras rudes, de voz rouca, não é o padre favorito, nem das devotas, nem dos comerciantes locais, como o personagem Carlos da botica, que faz chacotas sobre o pároco: “Lá vai a jiboia esmoer. Um dia estoura!” (QUEIRÓS, 2015, p. 23).

O pároco tem hábitos sedentários e possui apenas um amigo, o chantre Valadares, que governa o bispado, substituindo o Sr. Bispo Dom Joaquim, haja vista que este encontra-se doente:

Nos últimos anos tomara hábitos sedentários, e vivia com uma criada velha e um cão, o Joli. O seu único amigo era o chantre Valadares, que governava então o bispado, porque o senhor bispo D. Joaquim gemia, havia dois anos, o seu reumatismo do Alto Minho. (QUEIRÓS, 2015, p. 24)

Além de comilão, José Migueis também tem um defeito muito mal visto pelas devotas, que tinham preferência pelo padre Gusmão, pois elas relatam que o pároco arrotava no confessionário, enquanto o padre preferido das devotas as conquistava por seu poder de convencimento:

Nunca fora querido das devotas; arrotava no confessionário; e, tendo vivido sempre em freguesias da aldeia ou da serra, não compreendia certas sensibilidades requintadas da devoção: perdera por isso, logo ao princípio, quase todas as confessadas, que tinha passado para o polido padre Gusmão, tão cheio de “lábria”! (QUEIRÓS, 2015, p. 23)

José Migueis não é narrado no romance como um padre corrupto, sua passagem na

narrativa é breve, pois ele morre no início sem muitas analogias quanto à sua personalidade.

### 3.2.2 Cônego Dias

Para Santos (2003), a realidade do meio sociopolítico português influencia Eça no seu processo de criação literária, assim o autor da obra *O crime do padre Amaro*, no processo de criação literária, retrata sua visão de mundo, sob o ponto de vista sociológico, de maneira irônica numa visão política que influencia na sua posição social e essa criação parte de muitas críticas expondo as reivindicações de uma sociedade problemática. E essa vontade de colocar de maneira clara os problemas da sociedade se baseava no pensamento de Proudhon, pois este defendia o desenvolvimento da sociedade. Para Eça a literatura tinha um caráter social, capaz de modificações sociais, ou seja, uma estética para além da arte, uma arte voltada para a realidade. Assim, Eça cria personagens como o cônego, que é um sujeito aparentemente sem ética, podendo ser definido por uns como um imoral no seu ofício, e ainda com traços de uma personalidade extremamente corrupta.

O personagem Côneço Dias está presente do início até o fim do romance, consistindo em figura muito importante, haja vista o seu papel de grande influência na vida religiosa dos padres de Leiria e do poder de reger as questões sociais das pessoas que estavam ao seu redor.

O cônego é um personagem descrito como um padre superior que possui poderes e assim corrompe as pessoas que convivem com ele. O cônego é narrado como uma pessoa gulosa e praticante da luxúria:

“O cônego Dias era muito conhecido em Leiria. Ultimamente engordara; o ventre saliente enchia-lhe a batina; e a sua cabecinha grisalha, as olheiras papudas, o beijo espesso faziam lembrar velhas anedotas de frades lascivos e glutões” (QUEIRÓS, 2015, p. 25).

O caráter desviante do personagem pode ser conferido em todas as esferas de sua vida, tanto pessoal quanto social, esse comportamento leva o leitor do romance a uma reflexão da postura desta figura. A postura do cônego é de um ser que possui muitas vaidades, capaz de se alto vangloriar: “O cônego Dias passava por ser rico; trazia ao pé de Leiria propriedades arrendadas; dava jantares com peru e tinha reputação o seu vinho duque de 1.815”. (QUEIRÓS, 2015, p. 26). O personagem passa por ser um sujeito de certa forma arrogante:

O abade Ferrão passara de manhã diante da casa e ficara surpreendido vendo que lhe andavam a pintar a fachada. O amigo Dias tinha algumas ideias de ir

lá passar o verão?

Não, não tinha. Mas como trouxera obras dentro e a fachada estava uma vergonha, mandara-lhe dar uma mão de oca. Enfim, era necessária alguma aparência, sobretudo numa casa que estava à beira da estrada, onde passava todos os dias o morgadelho dos Poiais, um parlapatão que imaginava que ó ele tinha um palacete decente em dez léguas à roda... Só para meter ferro àquele ateu! Pois

não lhe parecia, amigo Ferrão? (QUEIRÓS, 2015, p. 339)

A figura do cônego é de um sujeito iludido com os bens materiais e certa maneira se sente bem ao exibi-los. Para Antônio Augusto Nery (2017), essa era uma crítica dos escritores do “Oitocentos” ao hábito de propagar a prosperidade financeira, como em alguns países europeus, que se afasta de uma concepção religiosa, direcionado à crença calvinista de que a riqueza se estabelecia como sinal de elevação espiritual. E essa doutrina não era seguida pelos países católicos, pois a igreja considera o acúmulo de bens um pecado:

Para muitos críticos do Oitocentos, a prosperidade financeira alcançada por alguns países europeus devia-se muito ao pensamento protestante fundamentado na crença calvinista de que a riqueza constitui certo sinal de unção espiritual. Tal filosofia, logicamente, não vigorava nos países católicos, pois a doutrina católica considerava o acúmulo de bens como um pecado, baseada em várias passagens bíblicas nos quais o desapego é exortado. Muito embora, como bem sabemos, o “Vai e vende tudo o que tem” por muito tempo era uma máxima anunciada doutrinariamente pela Igreja de Roma e muito praticada por seus dirigentes que incentivavam os seus fiéis a doarem seus bens ao Estado e à própria Igreja. (NERY, 2017, p. 165)

Essa maneira de Eça descrever personagens com caráter desviante, relata essa visão de mundo da época em que a igreja e o estado estavam sempre ligados, um se beneficiando do trabalho que o outro fazia.

O despudor do cônego no aspecto de sua atuação como clérigo pode ser verificado em várias partes da narrativa, haja vista que, ele é um sujeito narrado voltado para imoralidade, pois é corrupto e antiético, ele passa a ser amigo íntimo e superior do padre Amro, quando este passa a ser o pároco em Leiria. O cônego compactua com Amaro quando fica sabendo que Amélia estava grávida, e começa a fazer gastos para procurarem o ex-namorado da moça. Era um conluio do cônego com Amaro, para simularem uma farsa de que o filho que Amélia esperava era de João Eduardo, e se realizassem o casamento o mais rápido possível ninguém desconfiaria:

– De quantos meses ela está?

– De quantos meses? Está de agora, está de um mês...

– Então é casá-la com o escrevente!  
O padre Amaro deu um pulo:  
– Com os diabos tem você razão! É de mestre!  
O cônego afirmou gravemente com a cabeça era “de mestre”. (QUEIRÓS, 2015, p. 356 e 357)

O caráter íntimo desviante do cônego se dá no campo da luxúria, pois este não respeita o voto de castidade que fez e vive uma vida sexual ativa, desvirtuando o comportamento de um clérigo e cometendo um dos sete pecados capitais segundo a igreja católica:

[...]os seus passos não faziam rumor no soalho; ao passar diante da sala de jantar sentiu no quarto da S. Joaneira, através do reposteiro, de chita, uma tosse grossa, surpreendido afastou sutilmente um lado do reposteiro, e pela porta entreaberta espreitou. Oh Deus de Misericórdia! A S. Joaneira em saia branca, atacava o colete; e, sentado à beira da cama, em mangas de camisa, o cônego Dias resfolegava grosso! (QUEIRÓS, 2015, p. 107 e 108).

De todas as temáticas expostas, a que mais pode chocar o leitor, se dá campo da percepção da sociedade, pois o cônego Dias é um membro do clero de Leiria, superior a muitos outros, e corrompe os membros de maneira sorrateira, pois ele visa vantagens pessoais e, desta forma, representa uma vértebra da podridão eclesiástica de Leiria. O cônego por ser um superior da igreja coloca pessoas a serviço dela a quem lhe convém, adulterando o estado das coisas, pois, sendo uma figura de poder não se mostra ético, oportunidade em que um pessoa capacitada poderia estar à frente de outras, mas a corrupção da personagem desvirtua a forma correta de convocação, essa é uma crítica na narrativa: As nomeações de sineiros, coveiros, serventes de sacristia arranjavam-se ali por intrigas sutis e palavras piedosas. Tinham tomado um certo vestuário entre o preto e roxo... (QUEIRÓS, 2015).

Para Santos (2003), a criação de personagens como essa do cônego Dias se dá no campo de retrato da realidade Portuguesa, ou seja, é uma forma do autor relatar o que acontece na vida social e política, em que a Igreja tem muito poder centralizado, na qual os seus membros são verdadeiros corruptos:

[...]a que exigia a fotografiação fidedigna da realidade sócio-política portuguesa. Nela, o autor passou a se preocupar excessivamente com a ruptura dos dogmas morais, promovida pelos próprios religiosos cristãos encontrados no interior da Igreja Católica em território português – tematizando um modelo de crítica ao sistema clerical, localizado no decorrer da trama ficcional expressa em *O crime do Padre Amaro* (1875) e *Relíquia* (1887). (SANTOS, 2003, p. 24)

A representação da Igreja em Leiria é vergonhosa: um mestre de moral que é imoral,

um padre que vive uma vida de luxúria e ainda um superior que visa vantagens pessoais, o que, para a autora Ana Maria Castelo Martins Jorge (1989), revela como Eça apenas retrata o ambiente ao qual está inserido:

[...]Eça começa por preferir que a arte “... aparece ligada a todos os movimentos sociais, determinada por causas permanentes e causas acidentais ou históricas: as permanentes derivam do solo, do clima (...) ao refluxo das quais o artista tem de obedecer (...) as acidentais são tiradas de uma certa ordem de ideias que formam os diversos períodos históricos, que determinam os costumes, e que também sujeitam ao seu despotismo o artista. Para exemplificar serve-se da arte cristã que obedece a princípios gerais e não tem uniformidade nas diversas nações.

Mais adiante acrescenta que: “... o artista não pode eximir-se à influência do meio em que vive, aos costumes do tempo, estado dos espíritos, movimento geral. Em cada época histórica, portanto, a arte partilha de uma ideia...”. (JORGE, 1989, p. 125)

Essa é a forma de Eça descrever personagens tão hipócritas como o cônego, que corrompe as pessoas para obter vantagens; um personagem cheio de vaidades capaz de se achar melhor que as demais pessoas; e assim o artista aponta, por meio de sua literatura, para a possibilidade de uma sociedade menos corrupta e com pessoas com um caráter mais autêntico.

Para Jorge (1989), essa maneira de escrever personagens imorais e antiéticos ligados à Igreja é uma forma do autor mostrar que sua arte está muito ligada às questões do seu tempo. Eça critica o meio social em que vive, colocando em xeque figuras de hábitos antiéticos ligados à Igreja Católica, pessoas como o cônego, um personagem superior que pratica a corrupção, pois há de certa forma, a expectativa de uma figura que deveria ter uma postura polida, mas que é exatamente o oposto, além de possuir muitas vaidades, comete atos de luxúria e influencia pessoas, visando tirar proveito das situações. Um personagem que, além de todas as atrocidades desviantes pessoais, também é incapaz de ser ético na atividade que exerce, pois compactua com a corrupção, vive às expensas da igreja, explorando cargos e benfeitorias para seu próprio benefício.

### **3.2.3 Abade Ferrão**

O abade Ferrão é apresentado apenas no final do romance, porém ele se destaca na narrativa, devido a sua importância na vida de Amélia e a integridade que por ora é relatado, e pode-se dizer que é o único na narrativa, em meio a vários padres, que possui uma reputação íntegra. Conhecido como o bom abade, ele cumpre o voto de castidade e se prontifica a ajudar

quem quer que seja, não visa, portanto, obter vantagens quando se trata do seu ofício. Ele é narrado como uma pessoa simples, que vive no meio de gente humilde.

Conforme Roani (2003), a figura do abade Ferrão é uma representação de um padre que se espera: “Contra esta associação de corruptos consumados, o autor cria o bondoso Abade Ferrão, apresentando-o como o padre ideal, sem sombra de egoísmo, inteiramente dedicado aos seus paroquianos e aos deveres eclesiásticos”.

A narrativa destaca a bondade do Abade, nele há generosidade e virtude. O único personagem que não é narrado com caráter desviante, pois este não participa da corrupção como os demais padres, também não possui vaidades. O abade não é glutão, e está longe dos luxos:

O último vigário-geral, que nunca dera um passo para o favorecer, dizia-lhe, todavia, liberal de palavreado:

– Você é um dos bons teólogos do reino. Você está predestinado por Deus para um bispado. Você ainda apanha a Mitra. Você há de ficar na história da igreja portuguesa como um grande bispo, Ferrão!

– Bispo, senhor vigário-geral! Isso era bom! Mas era necessário que eu tivesse o arrojo de um Afonso de Albuquerque ou de um D. João de Castro, para aceitar aos olhos de Deus semelhante responsabilidade! (QUEIRÓS, 2015, p. 395).

A criação do abade é uma forma de Eça colocar nesta figura um padre que é centrado e que não se deixa corromper, vive de forma simples. A única personagem capaz de estimular em Amélia uma verdadeira catarse, pois ela foi criada no meio de pessoas que compactua com a corrupção da cidade de Leiria, entre padres e beatas, que ignoram os princípios éticos. A purificação que o abade provoca em Amélia é uma maneira racional de Eça criticar a instituição católica, uma vez que assim como em toda a sociedade, existe pessoas de caráter, capazes de serem éticas no seu ofício, a possibilidade de ser o contrário também acontece. Para Roani (2003), essa maneira do personagem de colocar Amélia em contato com o abade significa que narrativa faz uma ironia quanto ingenuidade de uma pessoa beata extremista, pois Amélia é uma figura que precisa saber separar o que o que é bom e o que é ruim, afastando a ideia de santidade de Amaro, pois Amélia é incapaz de “distinguir diferenças entre Amaro e o altar, o órgão, o missal, os santos e o céu”.

Para Jorge (2003), Eça na palestra “A nova literatura ou o Realismo como nova expressão da Arte” propõe uma maneira de corrigir a sociedade pela arte impulsionada pela moralidade; essa tendência se daria ao colocar o abade como o único com características de um homem íntegro:

O realismo aparece-nos, efectivamente, com uma finalidade que tem um carácter pedagógico-orientador pertencendo ao artista o trabalho de síntese. (...), o artista deve analisar a realidade social de maneira objetiva, contribuindo com a sua arte para melhorá-la.

O realismo sugere-nos como o autêntico caminho para a renovação da arte, e em última análise, da sociedade. A uma arte nova (que é afinal o que visa) iria forçosamente corresponder uma nova sociedade. Regenerar os costumes pela arte, eis a questão!

A arte deve ter o ideal moderno: a verdade e a justiça (...) deve corrigir ensinar (...) visar a um fim moral (...) se a arte não tem moral, perde a sociedade (...). (QUEIRÓS apud Jorge, 2003, p. 127).

A figura de um único padre virtuoso, que é capaz de estar em meio a pobreza e demonstrar nobre dedicação aos deveres eclesiástico, se coloca onde os “fariseus” corruptos nunca estavam:

E ali ficara, entre gente pobre, numa aldeia de terra escassa, vivendo de dois pedaços de pão e uma chávena de leite, com uma batina limpa onde os remendos faziam um mapa, precipitando-se a uma meia légua por um temporal desfeito se um paroquiano tinha uma dor de dentes, passando uma hora a consolar uma velha a quem tinha morrido uma cabra... E sempre de bom humor, sempre com um cruzado no fundo do bolso dos calções para uma necessidade do seu vizinho, grande amigo de todos os rapazitos a quem faziam botes de cortiça, e não duvidando parar, se encontrava uma rapariga bonita, o que era raro na freguesia, e exclamar: “Linda moça, Deus a abençoe!” (QUEIRÓS, 2015, p. 395e 396).

O abade Ferrão exerce na narrativa o seu ofício de forma ética, na sua paróquia não havia dificuldades para adentrar à igreja, haja vista que a conduta do abade é de um sacerdote que cumpre com seus deveres com moralidade, essa naturalidade de cumprir com a sua obrigação com lisura, condiz com o pastor que guia as suas ovelhas, mas é o oposto da Igreja da Sé em que o pároco era o padre Amaro; essa diferença fica explícita na narrativa quando há uma analogia entre a Igreja da Sé, que Amélia frequentava desde pequena, e a capela dos Poias, onde o abade conduzia seus fiéis:

[...] Que diferente da soturna doutrina que desde pequena a trazia aterrada e trêmula! Tão diferente, como aquela pequena capela de aldeia da vasta massa de cantaria da Sé. Lá, na velha Sé, muralhas de espessura de côvados separam da vida humana e natural; tudo era escuridão, melancolia, penitência, faces severas de imagens; nada do que faz a alegria do mundo ali entrava, nem o alto azul, nem os pássaros, nem o ar largo dos prados, nem os risos dos lábios vivos; alguma flor que havia era artificial; o enxota-cães lá se postava ao portal para não deixar passar as criancinhas; até o sol estava exilado, e toda a luz que havia vinha dos lampadários fúnebres. E ali, na capelita dos Poiais, que familiaridade da natureza com o bom Deus! Pelas portas abertas penetrava a

aragem perfumada das madressilvas; pequerruchos brincando faziam sonoras as paredes caiadas; o altar era como um jardinete e um pomar; pardais atrevidos vinham chilrear até junto aos pedestais das cruces; às vezes um boi grave metia o focinho pela porta com a antiga familiaridade do curral de Belém, ou uma ovelha tresmalhada vinha regozijar-se de ver um da sua raça, o Cordeiro Pascal, dormir regaladamente ao fundo do altar com a santa cruz entre as patas. (QUEIRÓS, 2015, p. 420).

Assim, o abade Ferrão é narrado como um sacerdote fiel aos princípios religiosos, mas muito racional, características muito próprias dele, pois nenhum outro sacerdote no romance possui tal peculiaridade.

### **3.2.4 Amaro**

No romance, Amaro é um padre com características peculiares de uma pessoa imoral. Ele é um pároco que não exerce o sacerdócio baseado nos princípios éticos, pois sua conduta é desviante daquela que se espera de um representante do clero. Amaro é narrado desde criança, uma vez que perde sua mãe de forma precoce, a sua trajetória é relatada até o final do romance, na qual é descrito perto da estátua de Camões, livremente conversando com o cônego Dias, sem nenhuma visão de arrependimento do crime que cometeu.

Para Roani (2003), “Eça tenta mostrar na sua realidade complexa, o padre e a beata, a intriga canônica, a mentalidade provinciana”, e essa realidade complexa leva o leitor a refletir os desvios de caráter de Amaro, tanto os de foro íntimo quanto os desvios sociais, pois o personagem é relatado sem nenhuma vocação para o sacerdócio, ele ignora os princípios morais dos quais o seu ofício de certa forma, na visão de uns eles seriam essenciais, mas para outros nem tanto.

Eça nos apresenta sua arte literária de maneira que o leitor tenha uma visão da realidade clérigo portuguesa, as regras de conduta social constantemente são inobservadas, Amaro um padre de caráter desviante, assim como os seus superiores ele corrompe as pessoas para se satisfazer. Todavia, na narrativa, Amaro realmente é uma figura antiética e incapaz de assumir seu próprio filho, assim acaba cometendo um crime matando-o. A crítica na narrativa se dá de forma a retratar um padre que é imoral nas suas atitudes sociais. Segundo Santos (2003), a criação do primeiro romance de Eça é a maneira de produzir paixões humanas com caráter extremamente realista- naturalista que “exigia a fotografia fidedigna da realidade sócio-política portuguesa” (SANTOS, 2003, p. 24).

Para Roani (2003), “O romance realista é filho da observação dos fatos e não da fantasia

sentimental do Romantismo”, uma proposta do escritor realista de abrir os olhos do leitor do romance, para que ele tenha a capacidade de fazer uma análise da conduta e do crime do personagem.

O caráter desviante de Amaro, em uma dimensão individual, pode ser visto em vários trechos da narrativa, como na parte em que ele, quando ainda criança, é narrado com uma peculiaridade muito biológica do ser humano, uma vez que seus desejos começam a emergir ao beijar os santos:

Aos onze anos ajudava à missa, e aos sábados limpava a capela. Era o seu melhor dia; fechava-se por dentro, colocava os santos em plena luz em cima de uma mesa, beijando-os com ternuras devotas e satisfações gulosas; e toda a manhã, muito atarefado, cantarolando o Santíssimo, ia tirando a traça dos vestidos das virgens e limpando com gesso e cré as auréolas dos Mártires. (QUEIRÓS, 2015, p. 42).

O personagem é narrado conforme a acepção natural de um ser humano, que quando ainda criança está em um processo de autoconhecimento, ora sente ternuras pelos santos, ora satisfações gulosas.

Roani (2003) ainda destaca que Eça escreve personagens fracos e vulgares\_ neste trecho do romance, podemos observar o quanto o personagem possui essa singularidade fraca, pois é incapaz de se autoafirmar e recusar o sacerdócio; ainda assim não dispensa o seminário e olha para esta atividade como uma oportunidade de estar mais próximo das mulheres e numa posição com boas regalias:

Nunca ninguém consultara as suas tendências ou a sua vocação. Impuseram-lhe uma sobrepeliz; a sua natureza passiva, facilmente dominável, aceitava-a, como aceitaria uma farda. De resto não lhe desagradava ser padre. Desde que saíra das rezas perpétuas de Carcavelos conservara o seu medo do inferno, mas perdera o fervor dos santos; lembravam-lhe porém os padres que vira em casa da senhora marquesa, pessoas brancas e bem tratadas, que comia ao lado das fidalgas e tomavam rapé em caixas de ouro; e convinha-lhe aquela profissão em que se fala baixo com as mulheres – vivendo entre elas, cochilando, sentindo-lhes o calor penetrante – e se recebem presentes em bandejas de prata. Recordava o padre Liset com um anel de rubi no dedo mínimo; monsenhor Savedra com os seus belos óculos de ouro, bebendo aos goles o seu copo de Madeira. (QUEIRÓS, 2015, p. 44).

A vulgaridade do personagem pode ser observada em vários capítulos. Uma parte da narrativa que gera uma reflexão para além do que é certo ou errado e daquilo que é imanente ao homem é quando Amaro, ainda no seminário, sente desejo pelas imagem que ele tem, uma figura de uma santa, mas que reflete um linda imagem de mulher, os desejos dele são narrados

com muita intensidade, naturais do ser humano:

Na sua cela havia uma imagem da Virgem coroada de estrelas, pousada sobre a esfera, com o olhar errante pela luz imortal, calcando aos pés a serpente. Amaro voltava-se para ela como para um refúgio, rezava-lhe a Salve Rainha, mas ficando a contemplar a litografia, esquecia a santidade da Virgem, via apenas diante de si uma linda moça loura; amava-a; suspirava; despindo-se olhava-a de revés lubricamente; e mesmo a sua curiosidade ousava erguer as castas da túnica azul da imagem e supor formas, redondezas, uma carne branca. Julgava então ver os olhos do Tentador a luzir na escuridão do quarto; aspergia a cama de água benta; mas não se atrevia a revelar esses delírios, no confessionário, ao domingo. (QUEIRÓS, 2015, p. 48)

A narrativa mostra a imagem de um sacerdote que rezava a Salve Rainha e ao mesmo tempo já não se lembrava da Santidade, olhava para a Santa e ascendi-lhe os desejos sexuais, que lançava sobre a cama água benta, mas não confessava os seus pecados. Assim, podemos perceber o quão os desejos da carne eram acesos em Amaro, pois ainda quando jovem já sentia que a sua masculinidade se afluava ao ver as santas, colocando naquela imagem uma visão de uma linda mulher.

Amaro é narrado com características bem diferentes dos demais padres do romance, pois enquanto estes são glutões, aquele é apontado como uma figura obcecada por sexo, incapaz de renunciar os desejos biológicos próprios de um homem. O desvio de caráter de Amaro se dá quando ele deixa de ser ético na sua profissão, pois ilude Amélia e de certa forma descaracteriza o objeto que é um vestido de Nossa Senhora, pois o princípio da moralidade aqui é regido de maneira sacrossanta para aqueles que acreditam ser intocável, mas ela acaba cedendo :

– Rica obra, hem? Centos de mil-réis... Experimentamo-la ontem na imagem... Vai-lhe como um brinco.

Um bocadito comprida, talvez... – E olhando Amélia, numa comparação da sua alta estatura com a figura atarracada da imagem da Senhora: – A ti que te havia de ficar bem. Deixa ver...

Ela recuou:

– Não credo, que pecado!

– Toliche! – disse ele adiantando-se com a capa aberta, mostrando o forro de cetim branco, de uma alvura de nuvem matutina.

– Não está benzida... É como se viesse da modista.

– Não, não – dizia ela frouxamente, com os olhos já luzidios de desejo.

Ele então zangou-se. Queria talvez saber melhor do que ele o que era pecado, não? Vinha agora a menina ensinar-lhe o respeito que se deve aos vestuários dos santos?

– Ora não seja tola. Deixe ver.

Pôs-lhe nos ombros, apertou-lhe sobre o peito o fecho de prata lavrada. E afastou-se para a contemplar toda envolvida no manto, assustada e imóvel, com um sorriso cálido de gozo devoto. (QUEIRÓS, 2015, P.334 E 335)

O caráter desviante de Amaro também alcança uma dimensão pública e política, por exemplo quando ele vai até a condessa de Ribamar, filha da marquesa de Alegros, requerer a nomeação para uma paróquia melhor - o conde, a condessa e seus amigos intercedem por Amaro, momento em que o Ministro, sob esta influência, concede sua transferência para Leiria, uma paróquia bem melhor do que a que ele estava, aqui os princípios da moralidade social é uma constante violabilidade de regras daquilo que é politicamente correto. Como observa Raoni:

Leiria é apresentada nas casas em que andam os padres e seu beatério. Tem-se a impressão que a ação do romance acontece entre a Sé e a rua da Misericórdia onde se encontram as saias e as batinas. (ROANI, 2003, p. 48)

Para Santos (2003), essa maneira de Eça descrever a corrupção é fruto de suas ideias oriundas das Conferências Democráticas, para criticar o desvio de conduta do catolicismo afastado dos seus aspectos teóricos e práticos, em que há uma falta de moralidade social, pois o que se pregava nas igrejas não corresponde às ações diárias dos religiosos.

O fruto desta nomeação corresponde a uma conduta que a natureza dificilmente negaria, pois Amaro é um homem que passa a ter relações sexuais com Amélia, mas quando ela engravida ele a abandona, como abandona-se um objeto, e de forma egoísta comete um crime bárbaro, pois entrega seu próprio filho para a morte.

A quebra do voto de castidade de Amaro é constantemente relatada na narrativa. Para Roani (2003), expor a falta de castidade do Padre é uma forma de Eça criticar a naturalidade biológica do homem sendo amarrada ao voto de castidade, ainda que sacerdotes são seres humanos, pois como diz Roani “o voto é contra as forças da natureza”. O autor ainda relata que a castidade pode ser examinada por meio de dois pontos de vista: “o humano e o da Igreja”. Para ele, da perspectiva “do ser humano, o desenvolvimento da sexualidade de Amaro é normal e está longe de ser irregular, mas a Igreja força homens normais a se comportarem como eunucos”. O romance causa muitas indagações, um padre antiético na sua profissão, usa da corrupção para seu bem estar, sob a perspectiva humana, realmente são normais e naturais seus desejos carnis.

O teor mais emblemático da obra se situa no cometimento do crime de Amaro, pois este por ora acaba de certa maneira diminuindo o desvio de caráter de dimensão íntima, pessoal, do padre que entra para o seminário pensando tão somente na vida cheia de prazeres, tem relações sexuais com uma moça e a abandona, se encontra com os desvios de caráter social, em que o padre compactua com a corrupção.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para analisar o anticlericalismo do autor Eça de Queirós na obra *O crime do Padre Amaro*, foi preciso analisar aspectos históricos no contexto de sua obra, como sua posição na arte literária na sociedade portuguesa, os costumes e a política do século XIX. Eça de Queirós foi um escritor realista inconformado com as questões sócio-políticas da época, e compõe sua obra com personagens ficcionais com caráter desviante, figuras de padres e beatas que além, da luxúria, vivem em conluio com o estado, com uma tendência para a corrupção. A personagem do padre Amaro, que é extremamente egoísta, acaba entregando o filho para a morte, pois desde o início da narrativa só visa o próprio bem estar.

Eça que escreveu sua obra com figuras ficcionais como forma de “pintar a realidade da sociedade portuguesa” do século XIX, relatando a luxúria, a corrupção e outros desvios. O autor foi um dos maiores expoentes do realismo português, membro do grupo do cenáculo e um dos participantes das Conferências do Cassino; Eça e seus colegas propuseram uma arte nova, focada nos fatos, na realidade. Portanto ao escrever um romance como *O crime do Padre Amaro*, o autor parte da perspectiva de uma análise da moralidade social, colocando em xeque a conduta dos sacerdotes e pessoas ligadas ao clero.

Diante de todo o exposto, compreende-se que este é um trabalho que exige muitas habilidades, necessitava de muito empenho em pesquisas bibliográficas e análises de artigos científicos ou teses que venham esclarecer o assunto de maneira mais detalhada. Ainda assim, ele foi de grande relevância e de grande aprendizado, e trabalhar com um autor como Eça, que exige muito conhecimento na área de literatura, me despertou um grande desejo de aprofundar esses estudos, considerando suas especificidades para aguçar o conhecimento da obra e de suas peculiaridades.

## REFERÊNCIAS

JORGE, Ana. **Literatura e Religião nas Conferências do Cassino**, Lusitana Sacra, 2ª série, 1989. Disponível em: [https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/4856/1/LS\\_S2\\_01\\_AnaMJorge.pdf](https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/4856/1/LS_S2_01_AnaMJorge.pdf). Acesso em: 25 ago. 2020.

MOTA, Aline. **Anticlericalismo em mutação: as três versões de “o crime de Padre Amaro” (1875-1876-1880), de Eça de Queirós**, Rio de Janeiro, 2014. 92f. Disponível em [http://www.bdtd.uerj.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=6918](http://www.bdtd.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=6918). Acesso em: 30 ago. 2020.

NERY, Antônio, Augusto. A geração de 70 e o anticlericalismo. **Revista Lusófona de Ciência das Religiões – nº 20**, 2017. Disponível em: <file:///D:/Downloads/6128-Texto%20do%20artigo-18900-2-10-20180605.pdf>. Acesso em 31 jul. 2020.

ROANI, Gerson, Luiz. Eça de Queirós e a criação de um homem imoral. **Revista Língua & Literatura - Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões**. p. 43-55. Disponível em: <file:///D:/Downloads/31-150-1-PB.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2020.

SANTOS, Nílvio, Ourives, Eça de Queirós: Realidade e Realismo Português. Artigo propiciado pela pesquisa institucional estabelecida no decorrer do ano letivo de 2002, na Universidade Paranaense, lotada no IPEAC, como consequência da aprovação do Projeto de Pesquisa Intitulado A Relíquia e o Crime do Padre Amaro: uma visão crítica do clero português, sob protocolo n ° 001361. **Revista de Ciências Humanas da UNIPAR**. Akrópolis, Umuarama, v.11, no .1, jan./mar., 2003

SARAIVA, António José e LOPES, Óscar. **História da Literatura Portuguesa**. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Publicações, 1969.

QUEIRÓS, José Maria Eça. **O crime do Padre Amaro**. São Paulo: Editora Moderna, 3ª ed., 2015.